

Brasil negociará redução da dívida diretamente com bancos

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Os grandes bancos americanos não estão vendo com bons olhos a proposta brasileira de começar a negociar operações voluntárias para a redução da dívida externa. Ela, no entanto, é encarada com certa simpatia pelos europeus e também por bancos regionais dos EUA. Por isso, o Governo desistiu de tratar o assunto através do Comitê Assessor dos Bancos Credores do Brasil, grupo formado pelos 14 maiores bancos e que representa os 300 credores privados do País.

A estratégia, agora, será a de negociar com os banqueiros isoladamente, oferecendo a cada um novas opções de pagamento que trazem embutidos mecanismos que possibilitam reduzir o estoque da dívida.

— Já conversei a respeito com o governo dos Estados Unidos e com os banqueiros. Venho dizendo a eles que é necessário iniciar, ainda este ano, e o quanto antes, as operações voluntárias de redução da dívida de que tanto se fala. Precisamos começar essas transações até mesmo para provar que esse caminho, tão sugerido ultimamente, é factível — disse o Embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira.

Ele informou que o Banco Central já tem em mãos cerca de 30 propostas que possibilitariam essa redução. E que o Governo está se preparando para escolher três ou quatro para serem testadas. As mais cogitadas, segundo o diplomata, prevêem a criação de uma garantia para os títulos da dívida brasileira a serem negociados com os banqueiros. Por isso mesmo, o Governo está tratando de encontrar um avalista que, ao que tudo indica, viria a ser o Japão.

O Brasil não desistiu de tentar obter uma garantia do Banco Mundial (Bird). Mas como se sabe que a proposta esbarria, mais uma vez, em pressões contrárias, especialmente dos Estados Unidos, outros caminhos vêm sendo buscados. O próprio governo americano já comentou que teria dificuldade em "vender" essa ideia internamente.

— O problema da garantia é que existe uma limitação na política fiscal de alguns dos países credores, como os Estados Unidos que, além de tudo, têm o problema de seu grande



Marcílio: à margem do comitê

déficit. Mas o Japão, com seu grande superávit, poderia criar um fundo para bancar esse tipo de operação — revelou o Embaixador brasileiro.

Segundo ele, uma das opções que o Governo poderá apresentar aos bancos é a da garantia colateral para cobrir o principal da dívida, a exemplo do acordo que o México fez com o J.P. Morgan. Mas há uma segunda idéia, mais inovadora:

— Buscaríamos uma garantia parcial e rotativa. Ou seja: ela cobriria títulos de uma parte da dívida por três anos. Nesse período, uma crise conjuntural poderia ser superada. Mas caso isso não acontecesse, a garantia seria renovada por mais três anos: por isso ela é chamada de rotativa — explicou o diplomata, a quem o Presidente José Sarney recentemente confiou a missão de cuidar da negociação com os credores privados e oficiais.

Marcílio disse, ainda, que o Brasil continuará trabalhando no sentido de incentivar a criação de uma agência internacional, "ou então criar uma 'janela' numa agência já existente, como o Bird ou o FMI, que comprasse os papéis da dívida e os repassasse com desconto".

— O desconto, porém, seria feito à base da redução dos juros, e não sobre o valor do principal no mercado secundário — explicou o Embaixador.

Cow-boy Pilatos

Agora, que o Presidente Reagan terminou seu mandato, surgem fatos novos, realmente promissores sobre o problema da dívida externa dos países latino-americanos.

MAS CABE um reflexão sobre a aparente atitude olímpica com que Reagan tratou do assunto, pretendendo sempre colocar-se acima das forças em oposição. Postava-se como à espera do momento para intervir como alto mediador entre litigantes que brigavam no palco internacional, tão desabridamente, por causa de mesquinhos bilhões de dólares.

JÚPITER todo-poderoso, quando cresciam mais as ondas dos apelos ou protestos, Reagan despachava o processo:

trata-se de problema apenas entre (Governos) devedores e (bancos) credores.

RÁPIDO, o decidido cow-boy tomava a bacia de Pilatos, e saía de cena.

O NEGÓCIO era com bancos privados. E o Presidente abominava que o Estado metesse o bedelho em tudo.

FELIZMENTE, porém, está aí o mocinho George Bush, disposto a botar o trabuco na mesa das discussões, do lado desses esdrúxulos devedores tão pagadores.

DEVEDORES que, mesmo sem tiroteio, desde o início da crise, já transferiram 180 bilhões de dólares para os credores.